

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)  
autor(a), o texto completo desta tese  
será disponibilizado somente a partir  
de 23/03/2018.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara  
Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar

LARISSA FIGUEIREDO SALMEN SEIXLACK BULHÕES

**CRÍTICA AO CONCEITO DE NECESSIDADES BÁSICAS DE  
APRENDIZAGEM (NEBAS) A PARTIR DA CATEGORIA MARXIANA DE  
NECESSIDADES HUMANAS**

ARARAQUARA – SP  
2016

LARISSA FIGUEIREDO BULHÕES

**CRÍTICA AO CONCEITO DE NECESSIDADES BÁSICAS DE  
APRENDIZAGEM (NEBAS) A PARTIR DA CATEGORIA MARXIANA DE  
NECESSIDADES HUMANAS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar.

**Linha de pesquisa:** Teorias pedagógicas, trabalho educativo e sociedade.

**Orientador:** Profº Drº Newton Duarte

ARARAQUARA – SP

2016

Bulhões, Larissa Figueiredo Salmen Seixlack

Crítica ao conceito de Necessidades Básicas de Aprendizagem, (NEBA) A partir da categoria marxiana de necessidades humanas / Larissa Figueiredo Salmen Seixlack Bulhões — 2016  
216 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Newton Duarte

1. Materialismo histórico e dialético. 2. Necessidades. 3. Educação escolar. 4. Psicologia histórico-cultural. 5. Pedagogia histórico-crítica. I. Título.

LARISSA FIGUEIREDO SALMEN SEIXLACK BULHÕES

CRÍTICA AO CONCEITO DE NECESSIDADES BÁSICAS DE APRENDIZAGEM  
(NEBAS) A PARTIR DA CATEGORIA MARXIANA DE NECESSIDADES  
HUMANAS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar.

**Linha de Pesquisa:** Teorias pedagógicas, trabalho educativo e sociedade.

**Orientador:** Prof. Dr. Newton Duarte

Data da defesa: 23/03/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Newton Duarte  
UNESP – Universidade Estadual Paulista – Araraquara - SP

---

Membro Titular: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Lígia Márcia Martins  
UNESP – Universidade Estadual Paulista – Araraquara - SP

---

Membro Titular: Prof. Dr. José Claudinei Lombardi  
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – Campinas - SP

---

Membro Titular: Prof. Dr. Angelo Antônio Abrantes  
UNESP – Universidade Estadual Paulista – Bauru - SP

---

Membro Titular: Prof. Dr. Fernando Ramalho Martins  
UNESP – Universidade Estadual Paulista – Araraquara - SP

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

## AGRADECIMENTOS

Ao orientador e amigo *Newton Duarte*, por todos os ensinamentos, orientações e estudos partilhados os quais me direcionam na contínua consolidação de uma visão crítica da realidade para além de suas manifestações exteriores.

Aos membros da banca examinadora. À professora *Lígia Márcia Martins*, pelas interposições educativas que me afetam e me transformam desde a graduação e que, em grande medida, delinearão o percurso de minha trajetória acadêmica; pelas imprescindíveis contribuições a este trabalho nas bancas de qualificação; pelo rigor da coerência entre teoria e prática que estabeleceram novos parâmetros de comprometimento com a construção de uma educação verdadeiramente emancipadora.

Ao professor *José Claudinei Lombardi* pelo acompanhamento do desenvolvimento deste trabalho desde seu início, pela leitura cuidadosa e pelas fundamentais contribuições prestadas nas bancas de qualificação.

Ao professor *Angelo Antônio Abrantes*, que acompanhou e apoiou meus passos como estudante e, posteriormente, como professora de graduação; pelos ensinamentos transmitidos e pelo suporte acolhedor que promoveu a esses diferentes momentos de meu desenvolvimento; pelas parcerias profissionais e pela amizade a qual tenho em grande estima.

Ao professor *Fernando Martins* por aceitar gentil e prontamente meu convite para o exame de defesa.

À professora *Juliana Pasqualini*, pela oportunidade de tê-la como professora e como colega de departamento; por poder conviver diariamente com os efeitos transformadores de seu modelo de compromisso com a socialização de uma educação de qualidade nas salas de aula da UNESP e no chão das escolas municipais de Bauru; pelas ricas contribuições teóricas ao meu processo de formação acadêmica e pelas ricas contribuições afetivas ao meu processo de crescimento pessoal.

À *Flávia Asbahr*, querida companheira de trabalho que, com sua instrumentalização teórica e coerência prática, promoveu decisivos saltos qualitativos em minha atuação profissional, os quais reverberaram na elaboração do presente trabalho; pelas grandes contribuições que promove para a consolidação de práticas críticas em psicologia escolar; pelo comprometimento com a transformação efetiva das relações interpessoais nas instituições públicas de ensino, empoderando os estudantes na luta

por espaços democráticos e representativos de seus direitos; pela amizade que construímos ao longo desses anos.

À professora e querida amiga *Marisa Meira* por acreditar em meu potencial desde os anos de graduação; pelos anos de parceria profissional significativos na conformação de quem sou hoje; pelas ações transformadoras nas escolas municipais de Bauru que protagonizou e que perpetuam à luz do seu exemplo de obstinação e defesa da escola pública de qualidade.

Ao *Antonio Euzébios Filho*, estimado colega de departamento pelas parcerias profissionais e pelas conversas que sempre trazem importantes questionamentos e reflexões.

À querida *Marcela Pastana*, pelos estreitos laços afetivos que construímos em pouco tempo; pelo incrível e fundamental apoio que encontrei em suas palavras de conforto quando as coisas pareciam insustentáveis; pelo compartilhamento de alegrias, angústias e questionamentos; pelo modelo contundente de defesa de seus princípios e valores; por me mostrar que vale a pena seguir em frente.

Ao *Márcio Magalhães*, amigo querido e novo parceiro de trabalho, pelos diálogos reflexivos e análises assertivas com as quais aprendo muito; pela companhia bem humorada a todo tempo, mesmo nas adversidades; pelo indescritível apoio e pela amizade que tem sido um grande referencial de esteio afetivo e me ajudado a construir novos sentidos pessoais; e por tantas outras coisas que as palavras não dão conta de descrever.

Aos amados *Alexandre, Henrique e Guilherme D’Incao*, sempre em meu coração, por fazerem parte do que sou hoje e me ensinarem todos os dias a força dos laços afetivos para além da consanguinidade.

À toda equipe da Secretaria Municipal de Educação de Bauru pelos espaços para intervenções críticas na busca pela consolidação de escolas públicas cada vez mais emancipadoras e socializadoras do conhecimento sistematizado.

À minha mãe *Solange Maria Figueiredo Bulhões*, ao meu pai, *Luis Augusto Bulhões* e à minha avó, *Maria Solange Salmen* pelo apoio e incentivo.

Aos colegas do Grupo de Estudos Marxistas em Educação: *Maria Claudia da Silva Saccomani, Mariana de Cassia Assumpção, Julia Malanchen., Efrain Maciel, Benedito Ferreira, Ricardo Eleutério, Valéria Benevides Solano Soares, e Juliana Nespolo.*

A todas e todos que, direta ou indiretamente me constituem; muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho trata da crítica ao conceito de Necessidades Básicas de Aprendizagem por meio da submissão da categoria necessidade ao movimento metodológico marxiano revelador das leis gerais da sociedade capitalista. Visou-se explicitar que os antagonismos de classe permeiam a esfera da educação escolar ao impedirem à classe trabalhadora a apropriação dos signos da cultura que desnudam o potencial das forças produtivas em transcender o modo de produção vigente e ter nas necessidades humanas novo impulso direcionador. Delimitamos como hipótese desta investigação que, tendo em vista que a organização social burguesa vale-se de mecanismos contra-atuantes para barrar a realização das necessidades das forças produtivas, transgressoras das leis gerais de reprodução do capital, na esfera da educação escolar os ideários pedagógicos cerceadores da apropriação da realidade aos limites do pensamento empírico atuam como barreiras impeditivas do alcance das necessidades suplantadoras da ordem social burguesa. A verificação da referida hipótese ancorou-se na epistemologia materialista histórico-dialética e nos preceitos fundamentais da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Ao longo da investigação, a categoria necessidade revelou sua essência antagônica de garantidora da dinâmica em que as contradições do sistema capitalista se movem e se realizam e geradora da divergência basilar entre a finalidade de autovalorização do capital e o potencial das necessidades de suas forças produtivas cuja complexidade supera os limites das presunções burguesas pautadas na usurpação do trabalho alheio.

Palavras-chave: materialismo histórico-dialético; necessidades; educação escolar; desenvolvimento psíquico; psicologia histórico cultural; pedagogia histórico-crítica;



## ABSTRACT

This work is a critical to the concept of Basic Learning Needs through the submission of the need category to the Marxian methodological movement, revealing of the general laws of capitalist society. It aimed to clarify that the class antagonisms permeate the sphere of education, preventing the working class ownership of the cultural signs that reveals the potential of the productive forces that transcend the existing mode of production and has the humans needs as its new foundation. We have delimited as the hypothesis of this research, that, given that the bourgeois social organization makes use of counter -acting mechanisms to stop the fulfillment of the needs of the productive forces, in the sphere of education the pedagogical ideals which curtail the appropriation of reality to the limits of empirical thinking act as barriers hindering the scope of the needs which outline the ways to overcome the bourgeois social order. The verification of such a hypothesis anchored in the historical and dialectical materialist epistemology and the fundamental principles of the historical- cultural psychology and historical- critical pedagogy. Throughout the research, the category needs revealed its antagonistic essence of guaranteeing the dynamic in which the contradictions of the capitalist system move and perform and generating the basic difference between the purpose of self-valorization of capital and the potential of its productive forces which go towards meeting needs that transcend and overcome it.

Keywords: historical and dialectical materialism; needs; schooling; psychic development; historical cultural psychology; historical- critical pedagogy;

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. A CRÍTICA ÀS NEBA A PARTIR DO CONCEITO MARXIANO DE NECESSIDADE HUMANA.....</b>	<b>21</b>
1.1. O papel da categoria necessidades na atual orientação internacional da Educação Básica.....	21
1.1.2 No que consistem as NEBA (necessidades básicas de aprendizagem) e como sua lógica se expressa na realidade educacional brasileira .....	23
1.2. Do relativismo cultural à relativização das necessidades .....	27
1.2.1 A adaptação à volatilidade do futuro ou a produção de necessidades voláteis?.....	34
1.3. O conceito de necessidades submetido à lógica de dedução categorial marxiana .....	39
<b>2. O ESTUDO DA CATEGORIA NECESSIDADE EM COERÊNCIA COM A TEORIA DO VALOR EM MARX.....</b>	<b>45</b>
2.1. As limitações da Economia Política como precedentes da Teoria do Valor	45
2.2. O Materialismo histórico-dialético .....	46
2.2.1. O Movimento categorial marxiano .....	49
2.2.2. A aplicação do método marxiano na Crítica à Economia Política .....	51
2.2.3. Assertivas sobre a dedução categorial marxiana no estudo da categoria necessidade.....	55
<b>3. A CATEGORIA NECESSIDADE NA EXPOSIÇÃO DO CAPITAL A PARTIR DA TEORIA DO VALOR - POR QUE IR ALÉM DA RUIDOSA ESFERA MERCANTIL SIMPLES? .....</b>	<b>58</b>
3.1. As categorias da economia mercantil simples .....	61
3.1.1. A mercadoria expressa em seu duplo caráter: a contradição entre valor de uso e valor de troca.....	62
3.1.2. A dedução da forma-dinheiro.....	66
3.2. Necessidade, Igualdade e liberdade na economia mercantil simples.....	79
3.3. Da economia mercantil simples ao capital.....	86
<b>4. A NECESSIDADE COMO CATEGORIA SUBMETIDA ÀS LEIS GERAIS DE FUNCIONAMENTO DO CAPITAL – O ÂMBITO OCULTO DA PRODUÇÃO.....</b>	<b>92</b>
4.1. A atividade criadora de valor e a contradição entre capital e trabalho .....	92
4.2. O valor da força de trabalho e as necessidades da classe trabalhadora ....	100
4.2.1. Salário relativo: A pauperização relativa da classe trabalhadora e o empobrecimento de suas necessidades .....	103
4.2.2 Exército de Reserva: A necessidade de gerar uma legião de necessitados .....	108
4.3. Considerações sobre o avanço da conceituação categorial da necessidade humana a partir da apreensão do processo de produção do Capital .....	113
<b>5. A NECESSIDADE COMO CATEGORIA SUBMETIDA ÀS LEIS GERAIS DO PROCESSO DE CIRCULAÇÃO DO CAPITAL.....</b>	<b>121</b>
5.1. O processo de circulação do capital.....	121
5.1.1 - A inversão das relações sociais – valor, valor de uso e a necessidade de consumir .....	121
5.1.2. Produção, circulação e consumo – a necessidade subjugada aos interesses desumanos do capital .....	124

5.2. A contradição entre produção e valorização: a vulnerabilidade do sistema pela precarização das necessidades da classe trabalhadora .....	128
<b>6. A NECESSIDADE COMO CATEGORIA SUBMETIDA AO PROCESSO GLOBAL DE PRODUÇÃO CAPITALISTA – A SOCIEDADE DESMESURADA .....</b>	<b>136</b>
6.1. Distorção e ocultamento das leis gerais de funcionamento do sistema capitalista - o “mundo encantado e invertido” da superfície do capital .....	139
6.2. A tendência à queda na taxa de lucro e a precarização das necessidades como causa contra-atuante.....	146
6.3. A categoria necessidade como compasso e descompasso do modo de produção capitalista - as necessidades das forças produtivas transcendem a finalidade do capital.....	153
6.4. Inconsonâncias entre as necessidades do capital e as necessidades das forças produtivas: a apropriação do tempo de trabalho alheio como fundamento miserável da produção da riqueza.....	Error! Bookmark not defined.
<b>7. A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA COMO ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA PARA OS FILHOS DA CLASSE TRABALHADORA – O COMPROMISSO POLÍTICO DA TRANSMISSÃO DOS CONCEITOS CIENTÍFICOS .....</b>	<b>163</b>
7.1. Os conceitos científicos como meio de realização dos antagonismos da categoria necessidade .....	164
7.1.1 Correlações entre o desenvolvimento dos processos psíquicos e os conceitos científicos .....	166
7.2.1. A formação dos verdadeiros conceitos e as operações intelectuais por trás da palavra .....	171
7.2.2. Correlações entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos para a pedagogia histórico-crítica – a porta de entrada para a consciência .....	184
7.3. O ponto de chegada do processo educativo: entre os limites do pensamento empírico e as possibilidades do pensamento conceitual .....	199
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>208</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>213</b>

## INTRODUÇÃO

*Não te aceito, não te perdôo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora, Porquê, Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és, um Bem que tivesse de existir sem ti seria inconcebível, a um tal ponto que nem eu posso imaginá-lo, enfim, se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte do outro, É a tua última palavra, A primeira e a última, a primeira porque foi a primeira vez que a disse, a última porque não a repetirei. O Pastor encolheu os ombros e falou para Jesus. Que não se diga que o Diabo não tentou um dia a Deus.*

Resposta de Deus à proposta de paz do Diabo em “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”

O que é necessário aprender? A sociedade dos produtores de mercadoria a qual assim se qualifica pelo fato de uma elite minoritária, usurpadora dos meios de produção, se sustentar sobre os ombros daqueles que, excluídos de qualquer outra possibilidade de sobrevivência, são compelidos a vender-lhes sua corporalidade viva não nos permite falar em harmonia de interesses e, tampouco, de necessidades. Portanto, para abordarmos criticamente esta pergunta devemos rebatê-la com outra indagação: necessário para quem?

No seio dos antagonismos engendrados pelo movimento em que o modo de produção burguês se realiza, temos, em um dos extremos, a monopolização do poder por parte das elites a qual vincula-se ao imperativo da escravização assalariada da classe trabalhadora, impondo a ela uma condição em que lhes são negadas as satisfações de seus direitos mais elementares. Em contraponto, no outro extremo, a emancipação da classe trabalhadora depende da tomada de consciência desta sua condição de carência absoluta e, portanto, do alcance de suas *necessidades radicais* de rompimento com a ordem social vigente. Não há como conceber qualquer conciliação ou, nos remetendo ao epílogo de Saramago, qualquer possibilidade de paz entre burgueses e trabalhadores, pois, da mesma forma que a existência de Deus depende da existência do Diabo, a exploração não existe sem uma legião de explorados.

Contudo, essas inconciliáveis divergências encontram-se diluídas e invertidas, em consonância com o momento histórico atual o qual corresponde ao período denominado por Marx de contra-revolucionário; nele, o pensamento reacionário

impera no cenário social compelindo-o com toda sua força retrógrada e anestesiante, na ânsia de camuflar as contradições infra-estruturais irredutíveis do capital. Como nos coloca Duarte (2001) na superestrutura social da sociedade contemporânea, os mecanismos mantenedores da ideologia dominante se valem da associação entre o pensamento neoliberal e o solipsismo relativista e fragmentário do pós-modernismo para instaurar a naturalização dos processos socialmente construídos, os quais são vistos como incontrolláveis, incognoscíveis e imprevisíveis, reduzindo o conhecimento individual “à percepção imediata e a saberes tácitos. Estamos perante uma teoria do conhecimento como fenômeno cotidiano, particular, idiossincrático e não assimilável pela racionalidade científica” (DUARTE, 2001 p.100).

Ainda de acordo com o autor, estes pressupostos de desreferencialização do real, passaram a atuar como objeto de denúncia da incapacidade analítica do pensamento marxista em acompanhar o dinamismo e a imprevisibilidade da sociedade do capital, os quais a levariam se reestruturar e se reinventar a todo tempo. Porém, por mais invertida que se apresente a aparência do modo de produção vigente, suas pseudo-inovações são incapazes de transpor a lógica cíclica e fundamentalmente contraditória pressuposta na essência de sua plena realização. Destarte, seus descompassos e desmedidas, como era de se esperar, irromperam a superfície social na crise global de 2008, escancarando a verdadeira lógica do capital a qual submete o Estado como instituição a serviço da perpetuação da classe dominante e sacrifica o componente humano para manter a produção e multiplicação de valor a qualquer custo.

Sendo assim, reabriram-se os canais da sociedade com a literatura marxista clássica colocando o imperativo de se recuperar a contribuição deste pensamento para o entendimento de um sistema produtivo o qual, sendo fruto de uma conjuntura histórica, pode e deve ser superado. Tendo como norte a concretização desta superação, Marx instaurou o esteio para a construção de uma teoria da sociedade burguesa historicamente datada e, assim, desmascarou as determinações categoriais ocultas em nosso cotidiano para revelar a hegemonia da lei do valor - a qual, apesar de invisível, condiciona cada relação interpessoal estabelecida nos âmbitos econômico, político e social. E, nesse interim, fez um apelo à classe trabalhadora para que ela abandone as propostas reformistas que a perpetuam na condição de explorada e exerça seu potencial de romper definitivamente com as correntes que a usurpam e

escravizam.

Historicamente, já o próprio Lenin (1980) nos apontava que a difusão destas tendências conciliatórias as quais rejeitam a radicalização revolucionária no âmbito da luta proletária foram sempre acompanhadas da abdicação ao estudo teórico. Destarte, tratam-se de vertentes cuja “crítica“ apenas pode sustentar-se pelo apelo ao ecletismo, à ausência de fundamentos, à negação dos antagonismos de classe e, portanto, ao afastamento da própria realidade concreta em suas múltiplas determinações. Nesse processo de rejeição da reflexão teórica, aquilo que se chamou de “liberdade crítica” aproximou-se cada vez mais do culto ao irracionalismo instaurando-se o aniquilamento da consciência pelo apelo à espontaneidade no movimento das massas o que redundou, em última instância, na condenação da classe trabalhadora a reproduzir sua condição de explorada.

Segundo o revolucionário russo, o elemento espontâneo dos fenômenos sociais, em sua essência, não é senão a forma embrionária do elemento consciente. O autor cita as greves pós-1890 na Rússia para exemplificar sua afirmação, apontando que estes movimentos demonstraram lampejos espontâneos de consciência da classe trabalhadora acerca da necessidade de resistir coletivamente, de reivindicar de forma organizada e de esperar o momento favorável, configurando-se no “embrião - mas, nada além do embrião - da luta de classes” (1980 p.216).

Naquele contexto, os operários não tinham - e não poderiam ter - consciência da oposição irreduzível entre seus interesses e a ordem política e social historicamente constituída, isto é, não tinham consciência de suas *necessidades radicais* de classe destituída dos meios de produção de sua própria sobrevivência. Assim, seu movimento constituía-se nos limites da luta sindical, a qual continuava a se configurar um movimento essencialmente espontâneo. Diante dessa conjuntura, Lênin (1980) conclui que historicamente a classe operária foi capaz de alçar autonomamente a consciência sindical, mas com relação ao socialismo, os oprimidos só poderiam chegar até ele “a partir de fora”. Essa afirmação se justifica devido ao fato de que o socialismo,

(...)nasceu das *teorias filosóficas, históricas, econômicas* elaboradas pelos representantes instruídos das classes proprietárias, *pelos intelectuais*. Os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels,

pertenciam eles próprios, pela sua situação social, aos intelectuais burgueses. Da mesma forma, na Rússia, a doutrina teórica da social-democracia surgiu de maneira completamente independente do crescimento espontâneo do movimento operário; *foi o resultado natural, inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas.* (LENIN, 1980, p. 219 grifos nossos)

Assim, o autor estabelece a íntima relação existente entre a emancipação da classe trabalhadora e a apropriação do patrimônio humano-genérico e, ao mesmo tempo, denuncia que o apelo ao movimento espontâneo de luta do proletariado contido nas tendências ideológicas em voga - o qual incorre no grave equívoco de retirar e desmerecer completamente o papel do elemento consciente na radicalização da luta de classes - vale-se precisamente do parco acesso da classe trabalhadora aos conceitos científicos ao longo da história e dos prejuízos desta escassez para o acesso às leis de funcionamento da realidade concreta para além de suas definibilidades exteriores.

As constatações feitas acima - somadas ao fato de que historicamente os ideários pedagógicos têm se alinhado à manutenção de condições sociais que, para a maioria da população, se colocam como obstáculos à plena humanização - nos remetem novamente à pergunta de início: o que é necessário aprender? E, à luz de nossas considerações, esperamos ter deixado claro que não existe uma única resposta a esta pergunta. Para as elites dominantes, é necessário manter a aprendizagem da classe trabalhadora dando braçadas na superfície das ínfimas condições objetivas fornecidas pela imediatez das apropriações cotidianas, as quais permitem apenas a sua adaptabilidade aos ditames do mercado e são insuficientes para o conhecimento da realidade em sua essência. Esta é a garantia de que, ainda que esta classe venha a atingir a necessidade da luta sindical espontaneamente, ela, muito provavelmente, não alcançará a análise que revela o caráter inconciliável dos interesses das classes sociais opressoras e oprimidas e não tomará consciência, portanto, de sua necessidade radical de se emancipar deste modo de produção desumanizador.

Em contraponto, para o proletariado, é necessário que as interposições escolares possibilitem que o sistema capitalista perca sua imperceptibilidade, a qual

usualmente o apresenta como algo tão natural quanto o ar que se respira, e passe a ser visto como o fenômeno historicamente datado que de fato é, evidenciando-se a ordem social do capital como uma totalidade de máxima complexidade a qual deve ser apreendida em seu trânsito histórico - ou seja, em sua gestação, nas leis que a edificam e em como ela pode ser revolucionada. Recuperando a citação de Lênin (1980) segundo a qual a teoria de superação do modo de produção vigente nasceu do máximo desenvolvimento das teorias filosóficas, históricas e econômicas, se faz imprescindível a transmissão crítica do patrimônio humano-genérico em suas mais elevadas expressões para possibilitar à classe trabalhadora a compreensão da essência contraditória da formação do modo de produção capitalista, seu papel de classe explorada na manutenção desta lógica e a necessidade radical de transcendê-la.

Contudo, apesar da evidente inconciliabilidade das necessidades de aprendizagem de cada classe que compõe a ordem social vigente, é este mesmo elemento – a necessidade humana – o qual vem sendo utilizado como prerrogativa pelas políticas educacionais internacionais (UNESCO, 1990) para legitimar uma aparente homogeneização entre os interesses do proletariado e os das elites dominantes – e em última instância, para negar a própria existência dos antagonismos de classe – limitando a análise objetiva da conjuntura sócio-econômica às relações aparentes e imediatamente constatáveis do real - as quais, intencionalmente, aprisionam aqueles que as seguem a uma visão de mundo caótica, fundamentada por representações gerais e desconexas das manifestações externas da realidade.

À vista disso, entendemos ser de suma importância nos contrapormos ao movimento ideológico de apreensão do conceito de necessidade como dissimulador dos antagonismos de classe descrito acima; dadas as expressivas contribuições que o estudo da teoria marxista tem trazido para a esfera educacional, sintetizadas nos pressupostos da pedagogia histórico-crítica (DUARTE, 1998, 2000, 2001a, 2001b, 2013; SAVIANI & DUARTE, 2012; LOMBARDI e SAVIANI, 2005; LOMBARDI 2011), faremos isso instrumentalizados pela radical crítica marxiana à sociedade burguesa, de forma a superarmos a mera descrição e esquematização das manifestações imediatamente aparentes do modo de produção capitalista. Neste processo, formaremos um quadro categorial marxiano do conceito de necessidade humana objetivamente inter-relacionado, apreendido em suas características



universais e essenciais as quais conformam o sistema integral de leis que regem a essência da ordem social vigente.

Faz-se necessário, contudo, refletirmos sobre os postulados os quais deverão organizar a investigação da categoria necessidade submetida à análise sócio-econômica marxiana como estofo teórico-metodológico direcionador, dado que, não raro, propostas bem intencionadas de análises categoriais no seio da crítica marxiana à sociedade burguesa acabam por redundar em seu exato oposto: em um processo cerceado aos limites lógico-formais e lineares da ciência burguesa, precisamente por não se apropriarem do materialismo histórico-dialético para além da exterioridade de seu discurso.

A extrema relevância desta ressalva é demonstrada em uma carta de Marx a Engels na qual o autor critica Lassale em sua empreitada de aplicar a lógica dialética hegeliana à compreensão da economia política burguesa. Diz Marx que

(...) ele [Lassale] descobrirá, a seu próprio custo, que uma coisa é a crítica levar uma ciência até um ponto no qual ela admite sua exposição dialética e outra completamente diferente é aplicar um sistema abstrato e acabado da lógica a pressentimentos vagos de tal sistema. (MARX, 1984 p.261)

Assim, não podemos incorrer no mesmo erro Lassaliano e reunir “um conjunto inumerável de citações” (MARX, 1984 p.258) marxianas em uma mera “filologia refinada” (MARX, 1984 p.259) por meio da qual “só é possível levar adiante o processo de raciocínio nos limites estreitos de uma fórmula prescrita” (MARX, 1984 p.260). Analisar um fenômeno sob a ótica marxista transcende o estabelecimento de sobreposições lineares e simplistas entre passagens aleatórias da obra do autor e a categoria estudada, em uma total independência entre forma e conteúdo. Pelo contrário, é necessário acompanhar Marx no processo de crítica radical a qual leva a exposição da sociedade burguesa a revelar sua face dialética.

Não se trata, portanto, de uma simples “aplicação” mecânica da teoria marxiana ao entendimento das necessidades humanas, mas, para além disso, de submeter o conceito de necessidade ao próprio movimento metodológico de desenvolvimento categorial proposto por Marx. A categoria necessidade deve ser estudada em sua inerência à determinação contraditória na qual o sistema capitalista

se constitui, tendo sua conceituação enriquecida de acordo com as etapas de desenvolvimento do conceito de capital, cuidadosamente elaboradas pela teoria econômica de Marx, as quais alçam elos intermediários progressivamente mais complexos e concretos (ROSDOLSKY, 2001). Para tanto, é imprescindível a compreensão e o domínio da dedução categorial ancorada nas premissas metodológicas do materialismo histórico-dialético em consonância com os rigores investigativos preconizados pelo pensador alemão.

Destarte, o objeto de estudo do presente trabalho consiste na categoria necessidade submetida ao movimento categorial marxiano na análise da sociedade capitalista; temos o objetivo de, a partir desta caracterização, apontar o modo como os antagonismos de classe permeiam a esfera da educação escolar restringindo os saltos qualitativos psíquicos aos quais condiciona-se a consciência das necessidades radicais das forças produtivas por parte dos filhos e filhas da classe trabalhadora. Norteamo-nos pela hipótese central de que, da mesma forma que a ordem social burguesa precisa lançar mão de mecanismos contra-atuantes na infraestrutura para impedir a concretização das necessidades das forças produtivas as quais transcendem os objetivos de manutenção e reprodução do capital, na esfera da educação escolar os ideários pedagógicos os quais desqualificam o ensino sistematizado e secundarizam a apropriação dos conceitos científicos atuam como elementos contra-atuantes que visam tornar inacessíveis os meios para o desenvolvimento de necessidades que impulsionem a superação do modo de produção vigente.

Para a consecução dos objetivos delineados, organizamos nosso estudo em sete capítulos, quais sejam:

O capítulo 1, denominado *A crítica às NEBA a partir do conceito marxiano de necessidade humana*, apresenta conceitualmente as Necessidades Básicas de Aprendizagem, contextualiza o papel da categoria necessidade no cenário educacional contemporâneo pontuando-a como o núcleo central da análise investigativa do presente trabalho e, por fim, introduz a importância de esta investigação obedecer a estrutura metodológica da crítica marxiana à sociedade burguesa.

O capítulo 2, intitulado *O estudo da categoria necessidade em coerência com a teoria do valor em Marx*, aborda os postulados que nortearam a escolha do materialismo histórico-dialético como método de pesquisa balizador da análise da categoria necessidade no presente trabalho; apresenta os elementos fundantes do

método marxiano atrelado à crítica à economia política desenvolvida pelo autor e pontua os princípios do movimento categorial os quais regerão a reconstrução do conceito de necessidade em coerência aos gradativos níveis da crítica de Marx à sociedade burguesa.

*A categoria necessidade na exposição do capital a partir da teoria do valor – Por que ir além da ruidosa esfera mercantil simples* é o título do capítulo 3, no qual explicitamos os pressupostos marxianos reveladores da insuficiência da análise da sociedade burguesa protagonizada pela economia clássica, a qual partiu da apreensão empírica da circulação simples. Neste ínterim, exploramos o movimento metodológico de Marx o qual submete as categorias econômicas à lógica da teoria do valor e, por conseguinte, revela estar contida nos antagonismos entre mercadoria e dinheiro a expressão abstrata e universal das demais contradições da sociedade do capital, as quais diluem-se na aparência igualitária e harmônica da circulação mercantil, ocultando as reais necessidades que a ordem vigente visa, de fato, atender.

No capítulo 4, chamado *A necessidade como categoria submetida às leis gerais de funcionamento do capital – o âmbito oculto da produção* adentramos a esfera do capital em geral, nível mais abstrato da crítica marxiana à sociedade burguesa. Nela, alçamos a conceituação provisória do capital como valor que se valoriza e analisamos as contradições inerentes à coexistência das categorias capital e trabalho nesta primeira apreensão abstrata das relações de produção burguesas, sintetizadas na lei do decréscimo relativo do capital variável. Ao longo deste processo alçaremos o primeiro nível de exposição das duas faces antagônicas da categoria necessidade, dado que, ainda que ela exerça um papel fundamental para a reprodução do modo de produção capitalista, ela revela significativo potencial para atuar como um catalisador de sua transcendência.

O capítulo 5, intitulado *A necessidade como categoria submetida às leis gerais do processo de circulação do capital*, avança no nível investigativo seguinte proposto por Marx, qual seja, a esfera da circulação, permanecendo ainda nas acepções abstratas do *capital em geral*. Nela, o autor enriquece sua conceituação do capital, dado que a determinação dos valores de uso se revela como um condicionante da autovalorização, ou seja, da possibilidade do capital realizar-se como valor que se valoriza. Neste ínterim, as tendências contraditórias entre capital e trabalho se complexificam, pois a inclinação do capital em elevar ilimitadamente sua capacidade

de valorização na esfera produtiva redundará, no âmbito do intercâmbio, na limitação da capacidade de troca dos trabalhadores e, portanto, na sua desvalorização e desproporção. Nesta esfera de análise a categoria necessidade também tem seu caráter antagonico enriquecido, pois para sua autovalorização o capital precisa elevar continuamente o mais-trabalho, o que implica na progressiva precarização das necessidades da classe trabalhadora; por outro lado, dado que o trabalhador exerce o papel de consumidor no âmbito da troca, o esvaziamento de suas necessidades perturba o delicado equilíbrio proporcional entre valorização e consumo, redundando na produção desmesurada, a qual corrobora o caráter inconciliável das contradições do capital.

No capítulo 6, denominado *A necessidade como categoria submetida ao processo global de produção capitalista – a sociedade desmesurada*, adentramos o processo global de produção capitalista, no qual as esferas de produção e circulação estudadas nos capítulos anteriores determinam-se mutuamente, redundando na análise do capital em sua concretude. Nela procuramos demonstrar o modo como as leis imanentes da sociedade burguesa, reveladas ao longo do desenvolvimento categorial marxiano na esfera abstrata do *capital em geral*, realizam-se em sua plenitude por meio da sua inversão e ocultamento. O ápice da tendência do capital em afirmar-se como totalidade na superfície da sociedade burguesa expressa-se na lei da queda tendencial da taxa de lucro à qual dispensamos atenção especial pois nela explicita-se que, por perder de vista a real fonte de produção do valor, o capital torna-se inapto a se auto medir e se auto avaliar. Assim, dedicamo-nos a demonstrar que esta tendência do capital em se desvalorizar continuamente opõe-se ao seu próprio funcionamento e revela os limites da sua finalidade em relação às necessidades das forças produtivas por ele mesmo forjadas. Neste ínterim, defendemos que o máximo desenvolvimento da lógica produtiva capitalista de autovalorização redundando em seu oposto e gera as condições matriciais para o imperativo de uma nova lógica produtiva, cuja base sejam as necessidades humanas.

O capítulo 7, intitulado *A pedagogia histórico-crítica como alternativa revolucionária para os filhos e filhas da classe trabalhadora*, ascende à esfera da educação escolar, ancorando-se nos pressupostos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica na busca de identificar as determinações dos antagonismos da categoria necessidade no âmbito superestrutural. Neste processo o conceito de

conceito científico emerge como o elemento por meio do qual realizam-se as divergências entre o projeto neoliberal de educação para a classe trabalhadora, ancorado no empobrecimento de suas necessidades no âmbito material e cognitivo, e o potencial revolucionário desta classe. Por conseguinte, adentramos na exegese dos processos psíquicos engendrados na apropriação do conceito científico e suas correlações com a formação da consciência, trajetória na qual revelam-se as inversões e ocultamentos protagonizados pela ciência burguesa no âmbito da educação escolar, por meio dos ideários pedagógicos neoliberais, em sua tarefa de mascarar a finitude do modo de produção do qual é beneficiária.

À guisa de conclusão, retomamos a trajetória investigativa enveredada em nosso estudo em articulação com os resultados alcançados, os quais devem ser apreendidos em sua provisoriedade e possibilidades de ampliação por meio de novos estudos voltados para o progressivo enriquecimento dos pressupostos essenciais que compõem a construção de uma educação verdadeiramente emancipadora.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As definibilidades exteriores hegemonicamente atribuídas ao conceito de necessidade, balizador das principais diretrizes educacionais internacionais contemporâneas, levou-nos à exegese de seu quadro categorial à luz dos fundamentos da epistemologia marxiana. Neste processo, em vista de sermos condizentes ao rigor metodológico que caracterizou o trato marxiano com seu objeto de estudo, submetemos a investigação da categoria necessidade às leis do valor, desde suas determinações mais abstratas até sua expressão na concretude multideterminada, culminando em suas correlações com a esfera da educação escolar na era do capital.

Ao longo desta empreitada, a essência fundamentalmente contraditória do modo de produção burguês traduziu-se nos movimentos antagônicos gerados pela categoria necessidade desde a apreensão dos níveis elementares do *capital em geral*. Obedecendo o fluxo de produção e reprodução do valor, esta categoria mostrou realizar-se em direções opostas as quais tornaram-se mais díspares à medida que aproximamo-nos da superfície concreta da sociedade burguesa, na qual ela se revelou como o disparador dos antagonismos inconciliáveis entre a finalidade do capital e o potencial de suas forças produtivas.

No avanço de nossa investigação na esfera da educação, valemo-nos dos fundamentos teórico-metodológicos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica como instrumentos de análise. Nessa esfera, as disparidades pressupostas na realização da categoria necessidade confirmaram-se nos limites do desenvolvimento do pensamento promovido pelo ensino escolar neoliberal e naquilo que se concebe como a finalidade dos conceitos científicos na sala de aula. Estes, reduzidos à mera verbalização e reprodução exterior da palavra, em detrimento dos saltos qualitativos implicados nas novas operações intelectuais que deveriam consolidar no psiquismo do aprendiz, tem comprometida a sua verdadeira função de instrumento psicológico fundamental ao conhecimento da realidade em sua essência.

Destarte, as limitações da concepção de conceito científico ascendem em nossa análise como o meio pelo qual o capital impede o desenvolvimento das necessidades em seu potencial impulsionador de uma nova ordem social que ultrapasse a lógica produtiva capitalista de autovalorização. Ao aprisionar o pensamento às amarras da empiria lógico formal, o modo de produção burguês

camufla sua transitoriedade e sua miserabilidade frente às possibilidades de se ter, não mais o valor, mas a humanidade como referência para a produção material. Por conseguinte, a educação escolar limita o potencial de desenvolvimento do psiquismo para além do que é funcional para a sociedade burguesa assim como o capital limita o potencial de desenvolvimento das forças produtivas para além do que é funcional para sua manutenção.

Para a consolidação deste processo, a compreensão do real circunscrita às delimitações postas pela ciência burguesa exerce um papel fundamental. Esta ciência foi gestada para legitimar um modo de produção cujo funcionamento depende do ocultamento das categorias que o sustentam em seu oposto. Por conseguinte, tê-la como referência redundante, no mais das vezes, em conclusões igualmente invertidas e enviesadas sobre a organização social vigente. Tendo isso vista, entendemos que o movimento metodológico norteador do estudo da categoria necessidade realizado no presente trabalho é tão importante quanto as conclusões as quais alçamos ao final de nossa trajetória investigativa. O aprofundamento da análise dos vários níveis de investigação pressupostos neste movimento deixa explícito que a adoção do materialismo histórico e dialético depende da realização das categorias em uma dada lógica de apreensão da realidade, a qual pressupõe uma concepção de cientificidade e, por conseguinte, de conceito científico, que vem suplantar o caráter empírico e fragmentário da ciência burguesa.

Em vista disso, o método marxiano, cujas leis gerais norteiam o desenvolvimento do pensamento teórico, não se enquadra nos limites dos moldes científicos positivistas que pressupõem a análise descritiva de seus objetos de estudo, recortados estaticamente em um dado sistema dedutivo. Tendo esses elementos como parâmetros de ciência, certamente e, inclusive, intencionalmente, o materialismo histórico e dialético escapa à definição científica burguesa. Isso porque, em contraponto, ele supera tais paradigmas ao desenvolver seu caráter científico de forma indissociável de seu caráter revolucionário, designando-se, portanto, como uma teoria radical cujas origens ancoram-se na insubordinação de classe da classe trabalhadora (BENOIT, 1996).

Nesse sentido, o grande salto qualitativo metodológico e analítico de Marx em relação à economia clássica burguesa foi a capacidade de perceber o caráter contraditório, perecível e histórico das formas e das categorias econômicas da

sociedade capitalista; porém, quem, de fato, demonstrou, na atividade, a possibilidade de crítica e negação do modo de produção capitalista foi *a mobilização revolucionária da classe trabalhadora*.

Portanto, no método marxiano está sintetizada teoricamente a consciência crítica advinda da atividade histórica de militância e de organização proletária. Seu caráter científico-revolucionário atrelado ao movimento de desdobramento categorial que o embasa, liberta-se da superficialidade analítica da sociedade de classes. Opostamente ao método marxiano, esta não se referencia no concreto multideterminado, de modo que seu objetivo não é desvelar a realidade, mas manipular sua interpretação de acordo com o que é conivente ao capital. Diante da essência do real ela se revela insuficiente, incapaz de explicar a máxima expressão do capital em seu contrário, na desvalorização. Por isso, seus pressupostos tornam-se também exíguos na tarefa de prevê-lo e mensurá-lo, posto que perdem de vista as referências do movimento de valorização quando este tendencialmente suplanta os próprios limites da lei do valor.

O capital gera forças cujo potencial é elevado demais para suas próprias presunções. Daí a importância de uma nova concepção de conceito científico que vá além da empiria e dê conta das novas relações que a finalidade da ciência burguesa a impede de compreender. É este o principal propósito atendido pelo método marxiano. Neste processo, as afirmações irreflexivas do positivismo, dão lugar à negação: negação das harmonias aparentes, da eternização do que é histórico, da manifestação superficial das categorias em seu oposto; ou seja, a negação das coisas como elas são para se afirmar o potencial que podem vir a alcançar.

A educação escolar deve garantir ao proletariado o direito à consciência de seu protagonismo no alcance deste potencial. Para tanto, é imprescindível que esta sistematização teórica da luta de classes encontre os filhos e filhas da classe trabalhadora nas salas de aula, em vista de incitá-los a apreenderem os antagonismos essenciais ocultos na corriqueira produção de mercadorias que fundamenta o processo de produção capitalista. Após o contato com materialismo histórico e dialético, um casaco, um chapéu, ou seja qual for o produto com que nos deparamos em nosso cotidiano, perde inevitavelmente seu caráter inanimado e inerte nas vitrines da circulação mercantil, cuja aparente finalidade, se olharmos apenas de relance, parece ser a de simplesmente atender às necessidades humanas.



Porém, por trás da aparência estática da mercadoria, denuncia-se o movimento das relações pressupostas em sua produção; o movimento da exaustão do trabalhador, da usurpação das condições de sobrevivência de uma legião de necessitados, da igualdade jurídica sobrepondo-se aos abismos econômicos – em suma, das contradições imanentes aos fundamentos e ao vir-a-ser da ordem social vigente. É precisamente neste movimento de desvelamento das inversões inerentes à superfície imediata da sociedade burguesa que se constitui a requalificação dos conceitos espontâneos pelos conceitos científicos, advogada pela psicologia histórico-cultural e pela pedagogia histórico-crítica como a finalidade do ensino dos conteúdos clássicos. Por isso o ponto de chegada do ensino escolar sob a perspectiva dos ideários neoliberais – a saber, a simples reprodução verbal da palavra com função indicativa - consiste apenas no ponto de partida para estas ciências marxistas, as quais ancoram no pensamento teórico seus parâmetros de cientificidade.

Tendo estes parâmetros em vista, ao defenderem o ensino dos verdadeiros conceitos nas salas de aula, os preceitos nos quais se fundamenta a pedagogia histórico-crítica denunciam os interesses de classe contidos nos limitados modelos pedagógicos vigentes os quais tem sintetizada nas necessidades básicas de aprendizagem a máxima expressão de suas pretensões para o desenvolvimento psíquico dos filhos e filhas da classe trabalhadora, de modo que suas necessidades não revelem a miserabilidade da lógica produtiva subserviente ao acúmulo de valor. Porém, conforme asseveramos, o capital gera potencialidades complexas demais para suas próprias pretensões e seus subterfúgios contra-atuantes tem um claro limite de atuação precisamente por romperem com os dados da realidade objetiva quando estes insistem em evidenciar a efemeridade que ele carrega nos próprios pressupostos de sua realização.

Cabem, antes de finalizarmos, algumas importantes considerações. A necessidade imanente às forças produtivas do capital de violar as leis gerais de seu próprio funcionamento existe nele como potência a se realizar, a qual, contudo, não está predeterminada e, para além disso, é parte constitutiva dos antagonismos nos quais o modo de produção burguês se movimenta e se repõe. Destarte, ao longo da submissão da categoria necessidade aos rigores do método marxiano, evidenciou-se uma fissura na lógica usurpadora do capital a qual sinaliza apenas a possibilidade de vir a perturbar a frágil proporção pressuposta em suas transições e transformações.

Essa fissura consiste no movimento de necessidades antagônicas o qual, por contrariar as presunções do capital em afirmar-se como substância criadora do valor, é mascarado por formas artificiais e, por conseguinte, equivocadas de auto-mensuração. Estes limites de previsibilidade e auto-avaliação do modo de produção burguês reverberam-se, na superestrutura, nos limites de seus pressupostos científicos em explicar o movimento de realização da organização social em que foram gestados, exatamente por não conceberem que a plenitude da dinâmica categorial burguesa desdobra-se na negação de seus próprios pressupostos.

Esta conjuntura indica o potencial revolucionário contido na apropriação de formulações científicas que superem estes limites da ciência burguesa ora apresentados. É neste sentido que, na esfera educacional, o conceito de conceito científico advogado pela pedagogia histórico-crítica e ancorado no materialismo histórico e dialético desponta como a possibilidade da realização do potencial da categoria necessidade – qual seja, de catalisador da transcendência do capital como centro gravitacional do processo produtivo. Destarte, estas potencialidades de negação da ordem burguesa identificadas no presente estudo não estão contidas em qualquer proposta de educação escolar; pelo contrário, encontram respaldo nos pressupostos da pedagogia histórico-crítica a qual afirma-se com a alternativa por meio da qual as possibilidades revolucionárias resguardadas à realidade educacional poderão realizar-se efetivamente.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENOIT, Hector. "Sobre a crítica(dialética) de O Capital. In: *Crítica Marxista*, São Paulo: Brasiliense, nº3, 1996

BERNSTEIN, E. *Las Premisas del Socialismo y las Tareas de la Social Democracia*, In: Siglo XXI Editors, México 1982.

CRESSONI, A. G. O fundamento concreto das formas do valor – um estudo sobre o método expositivo de O Capital de Karl Marx In: *Anais do Colóquio internacional Marx e Engels - Cemarx*, 2009.

DELORS, J. (org.) *Educação: Um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez/ Brasília: MEC: UNESCO, 1998.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão / Organizado por Clélia Brandão Alvarenga Craveiro e Simone Medeiros. – Brasília : Conselho Nacional de Educação : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013. 480 p.

DUARTE, N. A importância da concepção de mundo para a educação escolar: Porque a pedagogia histórico-crítica não endossa o silêncio de Wittgenstein In: *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 7, n. 1, p. 8-25, jun. 2015.

\_\_\_\_\_. *A Individualidade Para-Si - contribuições a uma teoria histórico-cultural da formação do indivíduo*. 3ª ed., Campinas: Autores Associados, 2013.

\_\_\_\_\_. *Vigotski e o aprender a aprender: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Campinas: Autores Associados, 2001a.

\_\_\_\_\_. As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, p. 35-40, 2001b.

\_\_\_\_\_. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo da educação escolar. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 21, n. 71, p. 79-105, 2000.

\_\_\_\_\_. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 19, n. 44, p. 85-106, 1998.

ENGELS, F. *Anti-Duhring: filosofia, economia, política, socialismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

ENGELS, F. *Resenha do primeiro livro de O capital para Dusseldorfer Zeitung*, No. 316, November 17, 1867 acessado em:

<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1867/reviews-capital/dzeitung.htm>

\_\_\_\_\_. *Resenha do primeiro livro de O capital para Elberfelder Zeitung*, No. 302, November 2, 1867 acessado em:

<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1867/reviews-capital/ezeitung.htm>

GRESPLAN, J. *O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

\_\_\_\_\_, J. Marx, crítico da teoria clássica do valor In: *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, n.16, 2003.

\_\_\_\_\_, J. A dialética do avesso. In: *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n.14, 2002, p. 26-47.

LENIN, V. I. Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento. In: *Obras Escolhidas* tomo I, São Paulo: Alfa-Omega, 1980

LOMBARDI, J. C. Reflexões sobre Educação e ensino na obra de Marx e Engels. Campinas: Editora Alínea, 2011. 265 p.

\_\_\_\_\_, J. C. e SAVIANI, D. (orgs.) *Marxismo e Educação debates contemporâneos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

MARSIGLIA, A. C. G. [org.] *Pedagogia histórico-crítica: 30 anos*. Campinas: Autores Associados, 2011

MARTINS, L. M. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica* Tese de Livre-Docente em Psicologia da Educação, Departamento de Psicologia/Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, 2011a.

\_\_\_\_\_. Pedagogia Histórico-Crítica e Psicologia Histórico-Cultural In: MARSIGLIA, A. C. G. [org.] *Pedagogia histórico-crítica: 30 anos*. Campinas: Autores Associados, 2011b

\_\_\_\_\_. *Contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a Pedagogia Histórico-Crítica* Exposição na Mesa Redonda “Marxismo e Educação: Fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica”. VII Colóquio Internacional Marx e Engels, IFCH-UNICAMP, 2012.

MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Contribuição à Crítica da Economia Política* 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008

\_\_\_\_\_. *Crítica da filosofia do direito de Hegel* Traduzido do alemão por Rubens Enderle e Leonardo de Deus São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosófico de 1844* Traduzido do alemão por Maria Antonia Pacheco – Lisboa: Ed. Avante, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da economia política - Livro primeiro: O processo de Produção do Capital*. Volume 1, tomo 1, traduzido do alemão por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe - São Paulo: Nova Cultural, 1983a.

\_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da economia política - Livro primeiro: O processo de Produção do Capital*. Volume 1, tomo 2, traduzido do alemão por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe - São Paulo: Nova Cultural, 1983b.

\_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da economia política - Livro segundo: O processo de Circulação do Capital*. Volume II, traduzido do alemão por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe - São Paulo: Nova Cultural, 1984a.

\_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da economia política - Livro terceiro: O processo Global da Produção Capitalista*. Volume III, tomo 1, traduzido do alemão por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe - São Paulo: Nova Cultural, 1984b.

\_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da economia política - Livro terceiro: O processo Global da Produção Capitalista*. Volume III, tomo 2, traduzido do alemão por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe - São Paulo: Nova Cultural, 1985.

\_\_\_\_\_ to Engels 1 February 1858 In: LAWRENCE & WISHART (orgs.) *Karl Marx Frederick Engels collected works* Volume 40 Progress Publishers, Moscow, 1984.

\_\_\_\_\_. Trabalho Assalariado e Capital In: *Obras Escolhidas* tomo I, São Paulo: Alfa-Omega, 1982a

\_\_\_\_\_. Mensagem Inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores In: *Obras Escolhidas* tomo II, São Paulo: Alfa-Omega, 1982b

\_\_\_\_\_. *Manifesto inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores* In: *Obras Escolhidas* tomo II, São Paulo: Alfa-Omega, 1982c

\_\_\_\_\_; ENGELS, F. Manifesto Comunista. In: *Obras Escolhidas*. Volume 1, São Paulo: Alfa-omega, 1953.

MÜLLER, M.L. *Exposição e Método Dialético em “O Capital”*. Boletim SEAF N°2, Belo Horizonte, 1982.

OLIVEIRA, H. A. O capital como sujeito na teoria marxiana ou como o capital se torna sujeito In: *Anais do V Simpósio internacional Lutas sociais na América Latina*, 2013.

\_\_\_\_\_, H. A. Considerações sobre a dialética do abstrato e do concreto na circulação simples de o Capital. In: *Cadernos cemarx*, n° 6, 2009.

PIAGET, J. *Psicologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

ROSDOLSKY, R. *Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001

SAVIANI, D. e DUARTE, N. *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas: Autores Associados, 2012.

\_\_\_\_\_. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2010.

\_\_\_\_\_. *Escola e Democracia*. 40. ed. Campinas: Autores Associados, (edição comemorativa), 2008.

\_\_\_\_\_. *Perspectiva Marxiana do Problema Subjetividade-Intersubjetividade*. In: Duarte, N. (org.) *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 21- 46.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

TORRES, R. M. *Educação para todos: a tarefa por fazer*. 8ª ed. Traduzido do castelhano por Daisy Moraes – Porto Alegre: Artmed 2001.

\_\_\_\_\_. *Que (e como) é necessário aprender?: Necessidades básicas de aprendizagem e conteúdos curriculares*. 8ª ed. Traduzido do castelhano por Tália Bugel – Campinas, SP: Papyrus 2006.

UNESCO, *The Dakar Framework for action - Education for all: Meeting our collective commitments*. Paris, France, 2000.

\_\_\_\_\_. – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation. *Conferência Mundial da Educação para Todos. Declaração mundial sobre educação para todos. Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*. Jomtien, 1990. Disponível em <[http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy\\_of\\_pdf/decjomtien](http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/decjomtien)>

VENTURA, J. P. *Educação de jovens e adultos ou educação da classe trabalhadora? Concepções em disputa na contemporaneidade brasileira* Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

VYGOTSKI. *Obras escogidas*. Tomo II. Madrid: Visor, 2001.

\_\_\_\_\_. *Obras escogidas*. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.